

# Ao mestre com carinho

Caro amigo Romualdo,

Sinto que fui incumbido de uma tarefa que, ao mesmo tempo, me enche de satisfação e de preocupação.

Fiquei contente, claro, pela possibilidade de te homenagear. Afinal, tu fizeste parte da trajetória de gerações de psicanalistas de nossa Sociedade, entre as quais eu me incluo, com o privilégio adicional de partilhar da tua amizade.

Por outro lado, a emoção pode nos pregar peças e, assim, fiquei com receio de ser injusto, deixando de mencionar algum dos incontáveis motivos pelos quais te tornaste uma pessoa especial.

Mas, como tu mesmo me dizia, através das parábolas bem-humoradas que gostavas de usar, não devemos confundir prudência com vacilação.

Eu lembrarei, então, o teu caminho na psicanálise e na SPPA, para as quais devotaste amor e dedicação, além de contribuíres para ambas como exemplo de identificação, tendo em vista a tua paixão pela atividade psicanalítica e pelo ensino.

Membro efetivo, psicanalista didata, presidente da SPPA, diretor de nosso Instituto de Psicanálise, presidente da ABP (hoje FEBRAPSI), entre tantos outros cargos, sempre tiveste o devido reconhecimento pelo papel institucional que exercias em prol do bem comum.

Apesar de todas essas funções, nunca deixaste de ser, em primeiro lugar e principalmente, o psicanalista dedicado aos pacientes, por quem nutrias um profundo respeito e cuidado. Estes mesmos sentimentos também devotavas ao ensino da psicanálise, ministrando seminários e supervisões, individuais e coletivas, auxiliando na formação de inúmeras gerações de psicanalistas.

E não somente nós da SPPA tivemos a felicidade de te conhecer. Também as seis Sociedades, localizadas no México, Colômbia, Argentina e Brasil, nas quais tu foste *sponsor* nomeado pela IPA, tiveram o privilégio de conviver e aprender contigo. Além, claro, do grupo de colegas de Florianópolis que, recentemente, tornou-se Grupo de Estudos Psicanalíticos da IPA, com o qual colaboraste desde o princípio.

Mas, para ser sincero, Romualdo, eu preferia não ter que escrever esse texto. Na verdade, desejaria que ninguém precisasse fazê-lo.

Eu gostaria mesmo é de voltar ao dia 23 de janeiro deste ano, quando

**Zelig Libermann**

---

estivemos juntos na reunião da Comissão de Ensino do nosso Instituto de Psicanálise. Como sempre, tu estavas lá e, graças à tua sabedoria, ajudaste a resolver questões difíceis, demonstrando - na prática - que não se deve confundir prudência com vacilação!

E, se eu pudesse “acreditar na força da minha fantasia onipotente” (frase que costumavas usar para nos corrigir quando dizíamos “a onipotência dos pacientes”), apagaria a semana seguinte ao nosso encontro.

Se fosse possível apagar a última semana de janeiro passado, tu estarias aqui.

Claro que não escaparias de viver a situação inusitada dessa pandemia que “parou” o mundo. No entanto, tenho certeza que terias muito a dizer sobre essa situação.

Acredito que não gostarias nem um pouco de ficar em quarentena, mantendo encontros através das telas, sem poder sentir a presença física dos pacientes, dos supervisionados e dos amigos.

Por outro lado, acho também que te adaptarias e continuarias atendendo, ministrando aulas e participando de atividades via remota.

Eu poderia te telefonar outras vezes mais e assim escutar as tuas ideias sobre a psicanálise, sobre a vida institucional, sobre as situações difíceis da prática psicanalítica. E, antes de qualquer comentário, tu me escutarias longamente, como costumavas fazer.

Acredito que tu farias “lives” com teus amigos. “Lives” para falar de tudo e de nada, para jogar conversa fora, para rirmos muito, como costumávamos fazer em nossos encontros.

Nesses lugares virtuais, teríamos a chance de continuar escutando histórias, muitas histórias. Histórias tuas que se misturavam com as histórias da psicanálise em nosso meio.

Tu contarias com entusiasmo quase juvenil, como se fosse a primeira vez, sobre o novo convite que recebeste (o enésimo ao longo da tua carreira) para dar aulas em alguma instituição psicanalítica em diferentes paragens.

Para aqueles que conviviam contigo, tu falarias sobre Freud, Melanie Klein, Bion, Popper e, certamente, sobre Mate-Blanco, a bi-lógica, a simetria e a assimetria...

Como tinhas muitos interesses, ouviríamos tu falares dos romances, dos ensaios e de tantos outros livros que costumavas ler sobre as diversas áreas do conhecimento, bem como dos muitos filmes assistidos na companhia da Tylinha.

Também sabias ser leve na vida. Por isso, escutaríamos as muitas piadas que gostavas de contar. E continuarias a te decepcionar quando um de nós não entendesse a piada.

Seguirias acompanhando de forma apaixonada o teu Internacional, enquanto nós precisaríamos de paciência para aguentar a tua “irritante flauta” de colorado fanático.

Nós saberíamos da tua família, da Tylinha, dos filhos e, principalmente, dos teus queridos netos, a quem devotavas um imenso amor.

E tu também nos escutarias, vibrando com as nossas conquistas e sendo solidário com as nossas preocupações.

Porém, meu caro Romualdo, a realidade costuma cobrar seu preço frente à crença na nossa fantasia onipotente.

E, se todos nós temos a convicção de que essa pandemia vai passar e de que voltaremos a nos encontrar fisicamente, quando enfim chegar esse dia alegre, teremos uma tristeza. A tristeza por não poder mais te abraçar.

Ao redor da mesa, regada a um chope gelado e abastecida pelos bolinhos de bacalhau que tanto apreciavas, não teremos a presença física, o jeito afável, o raciocínio rápido e o humor refinado com que brindavas teus amigos nas agradáveis conversas.

Quando chegar o dia de nos reunirmos novamente, eu lembrarei a música *Naquela mesa*, de autoria de Sérgio Bittencourt (1969), feita em homenagem ao pai, Jacob do Bandolim, por ocasião de seu falecimento. Exatamente essa canção que me veio à mente quando soube que não mais poderia te encontrar:

(...)

Naquela mesa ele contava histórias,  
Que hoje na memória eu guardo e sei de cor  
Naquela mesa ele juntava gente  
E contava contente o que fez de manhã  
E nos seus olhos era tanto brilho  
Que mais que seu filho  
Eu fiquei seu fã

(...)

Naquela mesa tá faltando ele  
E a saudade dele tá doendo em mim.

Para todos aqueles que aprenderam a te admirar, Romualdo, restará sempre o conforto de saber que poderemos te encontrar às mesas que conquistastes dentro de cada um de nós.

Um abraço grande, meu querido amigo!

**Zelig Libermann**